

## *Papel Higiênico*

O papel higiênico desenrola sozinho. E sem qualquer ruído. Duraí percebe de imediato, pois está na sala sem janelas. Se fosse no banheiro, contra o branco dos ladrilhos, poderia confundir. Na sala, quase brilha a faixa bem clara que pende do rolo embutido na parede. Toca o chão e se estica, perto da meia mesa de sinuca. Claro, outra idéia de Alenc, seu irmão.

- Assim fica mais divertido, só quatro caçapas e um lado sem borda.

Ele inventou a meia mesa e a regra: se a bola cai no chão, o lance seguinte é jogado com o taco parênteses, ou seja: como um arco. Só Alenc consegue usar sua invenção como se fosse um taco reto.

O papel higiênico se estica mais pelo chão, cobra lenta. Coisa do irmão ou do tio? Duraí quer acender alguma luz, mas não acha a almofadinha roxa. Todos os comandos elétricos da sala estão embutidos nela. Quando se aperta, ninguém sabem qual das luzes será acesa. Tio Torale, criador do comando roxo sem fio, estimula o pulso básico da família: nada deve ser do jeito que é.

- A vida é uma só pra desperdiçar repetindo o que todo mundo já fez igual.

Mas Duraí preferia o papel higiênico no banheiro - e parado! -, as tomadas junto das portas, mesa de sinuca completa. Ela nem sai mais de casa às sextas, depois da tal pílula. Tio Torale tinha oferecido e ela não acreditou que funcionasse. Agora, toda sexta, vinha aquela cocerinha no mindinho da mão esquerda. No fim da manhã, o sexto dedo já estava lá, com unha e tudo. Uma delícia ficar coçando aquele dedo o dia inteiro. De noite, quando se aproximava o momento do sexto dedo desaparecer, ela se surpreendia lamentando. Mas, no sábado, assim que abria os olhos, conferia se tinha de novo apenas cinco dedos.

Depois do vai e vem do mindinho, ela nem quis ver a gaiola de Daumin, o melhor amigo do tio. Ele queria que Duraí experimentasse o olho da coruja. Um transplante temporário, reversível. A vantagem: enxergar no escuro. (Seria até útil no caso do papel higiênico assanhado). Daumin garantiu que não havia risco, desde que ela não virasse muito a cabeça.

- Por causa do implante temporário, você pode sentir, uma vontade forte de virar muito a cabecinha, uns 180 graus, mais ou menos.

E o papel higiênico avança pelo chão da sala. Segue na direção do corredor, onde está o banheiro, sem pia nem espelho. Mas para Duraí, a melhor invenção do trio é o livro Matul. Você abre, lê uma página, fecha e espera o tempo combinado. Ao abrir de novo na mesma página, todas as letras trocaram de lugar e oferecem uma história nova. Só não pode ficar abrindo e fechando muitas vezes seguidas - as palavras grudam umas nas outras e ninguém separa mais. Tio Torale, quando trouxe o livro, perguntou:

- Vocês acham mesmo que a vida é só o que eles deixam?

*(Se você fechar este livro, esperar o tempo certinho - um segundo que seja faz diferença, hein? -, quando abrir de novo, Duraí descobre que as unhas dos pés da mesa da sala cresceram mais de um lado do que de outro. Alenc não percebe o motivo e a todo momento põe um calço maior).*

**RICARDO TELES**











## *O navio da imaginação*

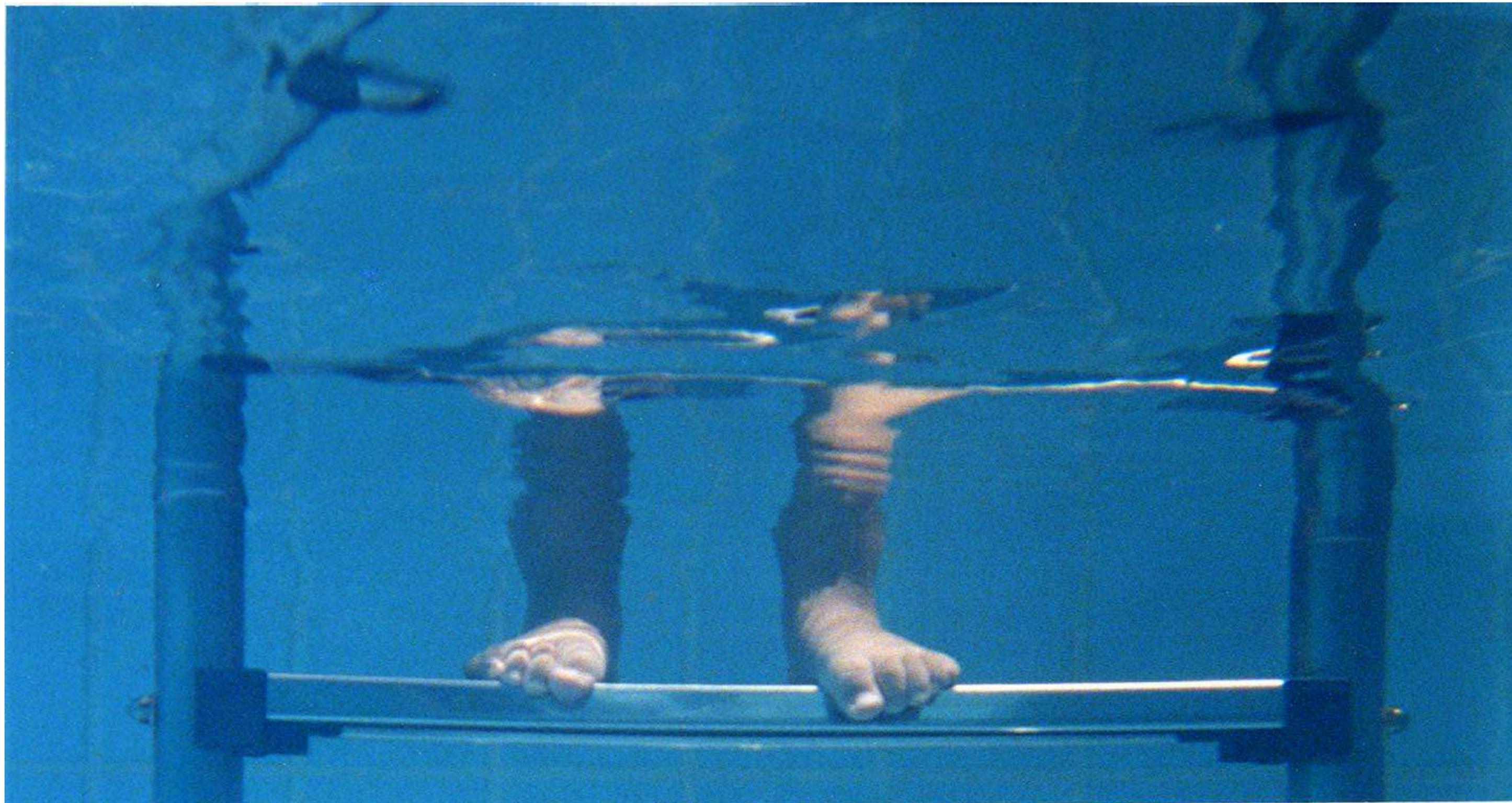
Não é preciso muita imaginação para arranjar uma metáfora sobre aquilo que vem a ser imaginação. A imagem - e imagem é a própria origem da palavra imaginação - que me ocorre é a de um navio, um navio que singra mares bravios em busca de distantes horizontes. Que surpresas, que prodígios, reserva a este navio o futuro? Isto não sei dizer, posso apenas imaginar, mas sei dizer de onde veio a imagem. A lembrança (que não é o contrário da imaginação, mas sim seu complemento) transporta-me para a casa em que, criança, morei no bairro do Bom Fim, em Porto Alegre. Meus pais, imigrantes judeus-russos eram pobres; a casa, alugada, era pequena, acanhada, não dispunha os confortos que hoje as pessoas consideram indispensável, tais como geladeira, fogão a gás ou mesmo água quente. Mas essa casa tinha um quintal, tomado por um viçoso capinzal; e, no meio desse capinzal, havia um velho caixote de madeira semi-apodrecida, ali abandonado há tempo. Pois para mim o capinzal era o mar e o caixote era o navio. Intrépido comandante, eu determinava o rumo. Muitas terras assim visitei, muitos lugares longínquos conheci, muitos inimigos venci - sem sair do quintal, sem sair do bairro do Bom Fim. Lá pelas tantas o navio imaginário deu lugar ao texto escrito e aí de novo saí a navegar. E, felizmente, nunca mais parei.











## *O militar na floresta*

Ao subir uma trilha nos Pirineus em busca de um lugar onde pudesse praticar o arco e flecha, deparei-me com um pequeno acampamento do exército francês. Os soldados me olharam, eu fingi que não estava vendo nada (todos nós temos um pouco esta paranóia de sermos considerados espiões...) e segui adiante.

Achei o lugar ideal, fiz os exercícios preparatórios de respiração, e eis que vejo um veículo blindado se aproximando.

Na mesma hora me coloquei na defensiva, e preparei todas as possíveis respostas para as perguntas que me seriam feitas: tenho permissão de usar o arco, o local é seguro, qualquer palavra em contrário cabe aos guardas florestais e não ao exército, etc... Mas eis que salta do veículo um coronel, pergunta se eu sou o escritor, relata alguns fatos interessantíssimos sobre a região.

Até que, vencendo a timidez quase visível, diz que também escreveu um livro: e me conta a curiosa gênese de seu trabalho.

Ele e sua mulher faziam doações para uma criança leprosa que originalmente vivia na Índia, mas que depois foi transferida para a França. Um belo dia, curiosos de conhecer a menina, foram até o convento onde freiras se encarregavam de tomar conta. Foi uma tarde linda, e no final pediram uma freira pediu que ele ajudasse na educação espiritual do grupo de crianças que ali vivia. Jean Paul Sétau (este é o nome do militar) disse que não tinha qualquer experiência em aulas de catecismo, mas que iria meditar, e perguntar a Deus o que fazer.

Naquela noite, depois de suas orações, escutou a resposta: “ao invés de dar respostas, procure saber o que as crianças querem perguntar”.

A partir daí, Sétau teve a idéia de visitar várias

escolas, e pedir que os alunos escrevessem tudo que gostariam de saber a respeito da vida. Pediu que as perguntas fossem feitas por escrito, evitando desta maneira que os mais tímidos tivessem medo de se manifestar. O resultado do seu trabalho foi reunido em um livro – “A criança que quer saber tudo” (Ed. Altess, Paris).

A seguir, algumas das perguntas:

Onde vamos depois da morte?

Por que nós temos medo de estrangeiros?

Existem marcianos e extra-terrestres?

Por que acontecem acidentes mesmo com gente que acredita em Deus?

O que significa Deus?

Por que nascemos, se morremos no final?

Quantas estrelas tem no céu?

Quem inventou a guerra e a felicidade?

O Senhor também escuta aqueles que não acreditam no mesmo Deus (católico)?

Por que existem pobres e doentes?

Por que Deus criou mosquitos e moscas?

Por que o anjo da guarda não está perto quando estamos tristes?

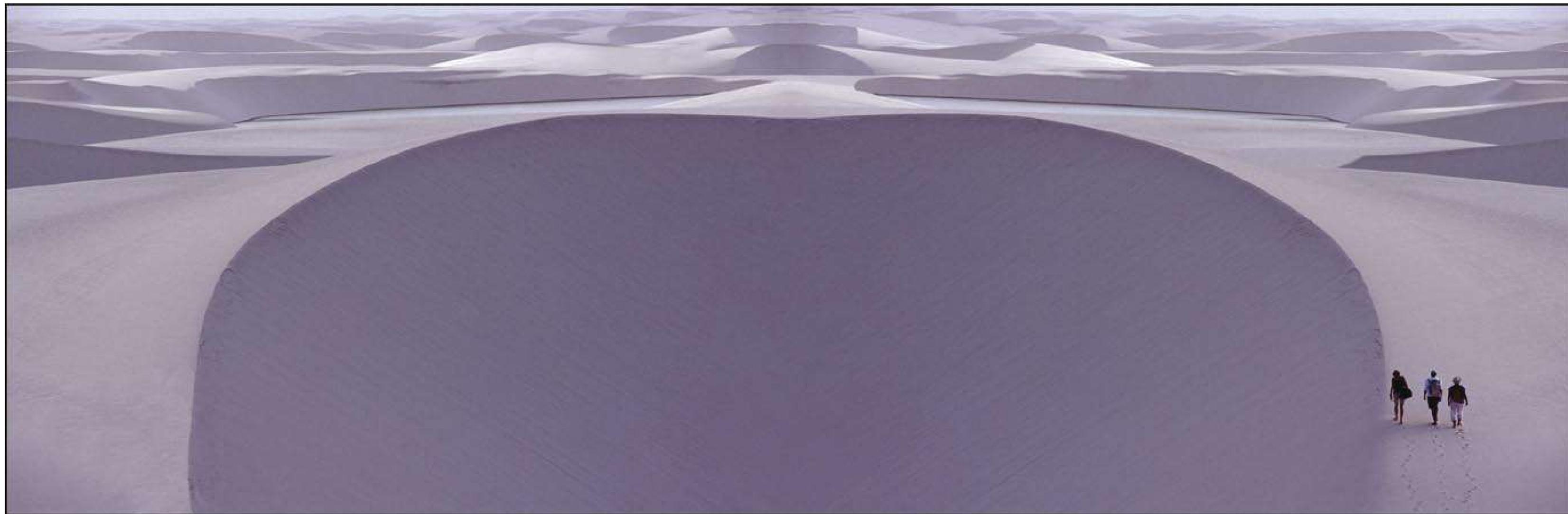
Por que amamos certas pessoas, e detestamos outras?

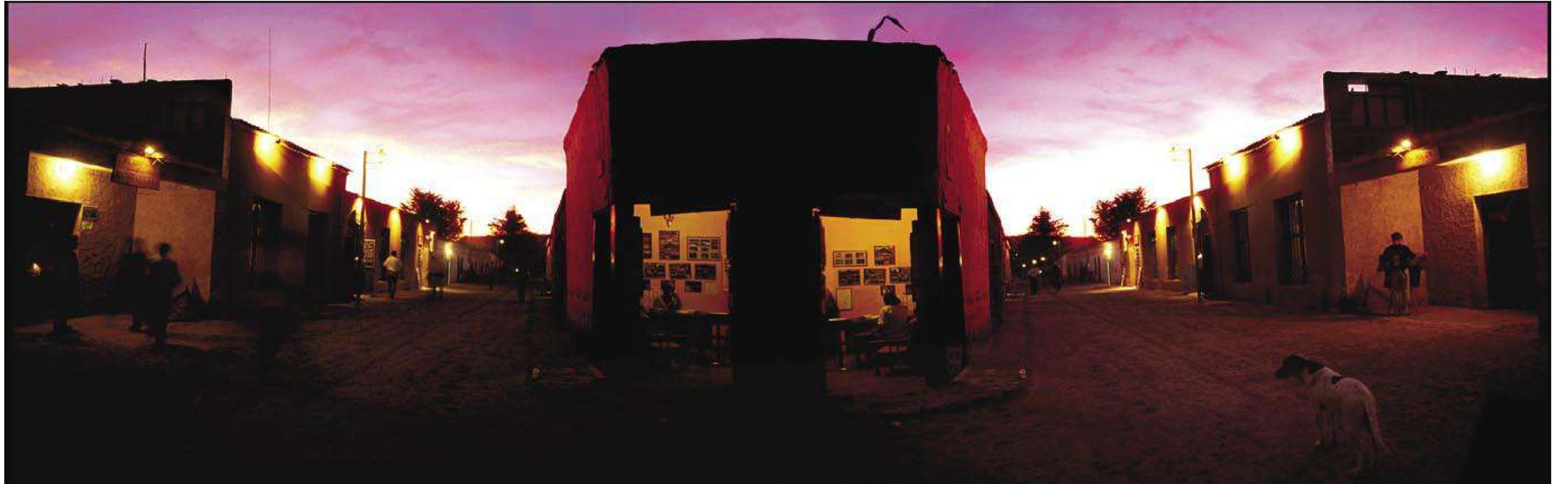
Quem deu nome às cores?

Se Deus está no céu, e minha mãe também está lá porque morreu, como é que Ele pode estar vivo?

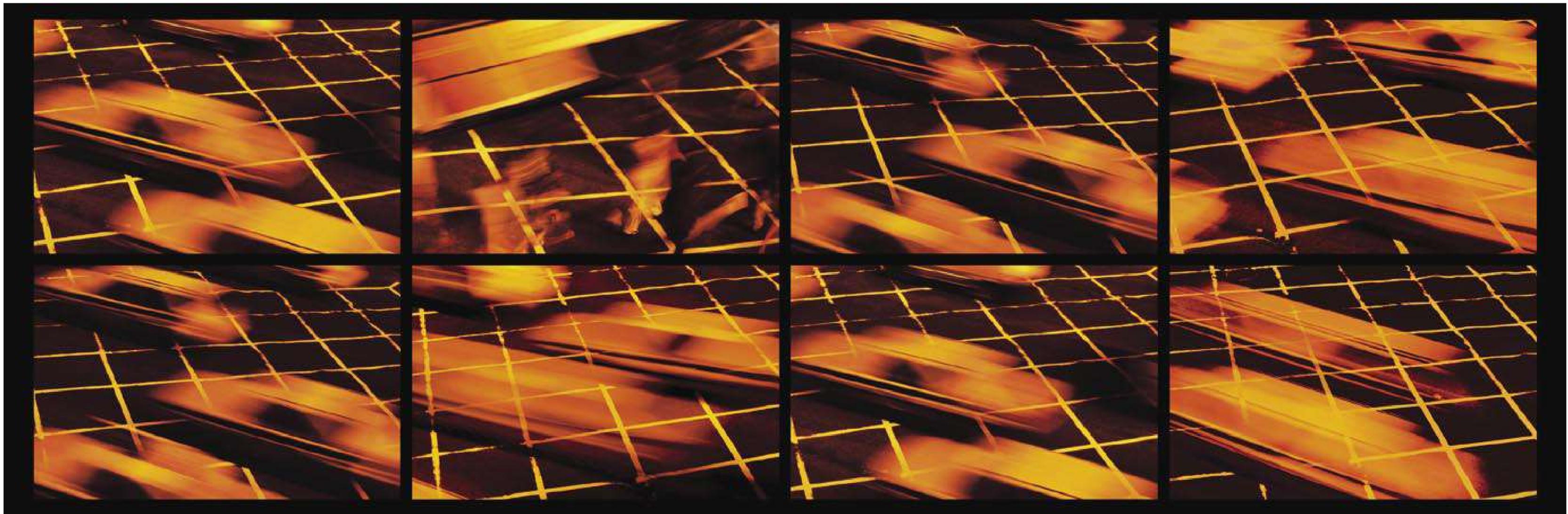
Oxalá alguns professores ou pais, lendo esta coluna, sintam-se estimulados a fazer a mesma coisa. Desta maneira, ao invés de tentar impor nossa compreensão adulta do universo, terminaremos por lembrar algumas de nossas perguntas da infância – que na verdade jamais foram respondidas.











## *Liberdade*

**ROBERTO SHINYASHIKI**

Ah !!! a nossa imaginação !!!

Tudo acontece nesse espaço de nossa mente

A sensação de liberdade e o aprisionamento, que definem a qualidade de vida de uma pessoa, acontecem sempre dentro da imaginação do indivíduo...

A dor na vida é sempre inevitável, mas o sofrimento é opcional...

Pense nisto alguns segundos: você é livre; tem direito de escolher com quem e como vai viver.

Você pode mudar a sua vida se ela não estiver do jeito que você quiser. Você todos os dias escolhe os seus caminhos

Você pode estruturar a sua vida do jeito que quiser.

Porque você é livre!

Você é livre para sofrer tudo o que você quiser!

Perceba que a sua liberdade lhe dá condições para sofrer tudo o que você quiser. A cara fechada de seu marido, que está resfriado, pode provocar uma crise conjugal de um mês.

Por causa de uma buzina no trânsito, você pode se irritar o dia inteiro.

Com a inflação do mês, você entra em depressão profunda.

Porque você é livre!

Nada ou ninguém pode impedir você de sofrer tudo o que você quiser.

Perceba que nem mesmo muito dinheiro pode impedir você de se sentir pobre.

Nem um grande pode impedir você de se sentir mal amado.

Nem muitos amigos podem impedir você de se sentir solidário.

Nem mesmo o sucesso pode impedir você de se sentir um fracasso.

Porque você é livre!

Você só vai parar de sofrer quando quiser.

Perceba que a opção pelo sofrimento é sua.

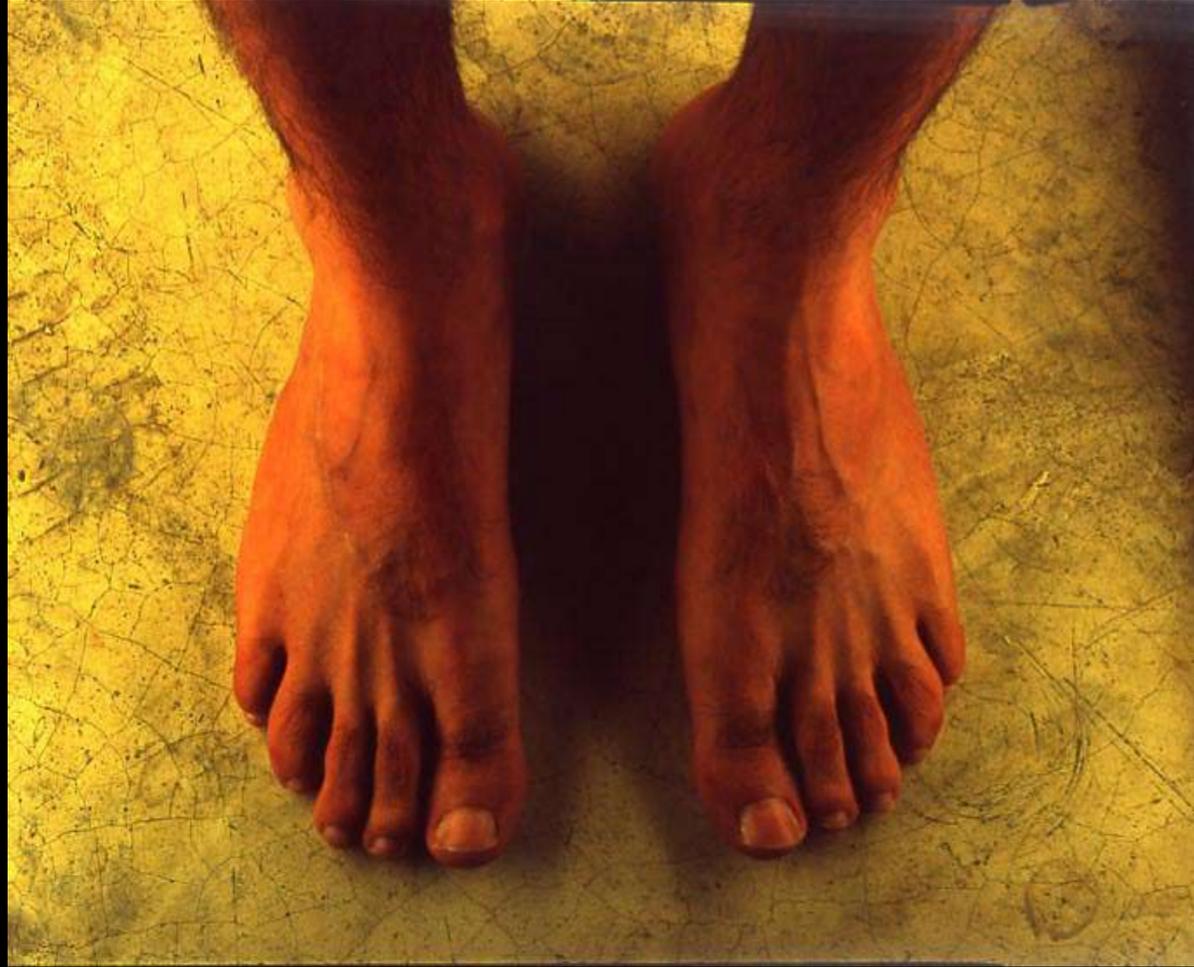
Quando tiver um problema, pode resolvê-lo e crescer ou se martirizar com ele o resto da vida.

Algumas pessoas decidem estar no mundo para viver, outras para sofrer. E pensam que é seu destino sofrer. Isso é uma ilusão.

Só quando tomar uma decisão você vai parar de sofrer.

Porque você é livre!











## “Que seria de nós sem o socorro do que não existe?”

Paul Valéry

“Mesmo o mais corajoso entre nós só raramente tem coragem para aquilo que ele realmente conhece”, observou Nietzsche. Camus acrescentou um detalhe acerca da hora quando a coragem chega: “Só tardiamente ganhamos a coragem de assumir aquilo que sabemos”. Só tardiamente. Foi o que aconteceu comigo. Eu sabia mas não tinha coragem de dizer. O mundo universitário que me cercava me amedrontava. Por prudência optei pelo silêncio. Aí, de repente, uma criança entrou na minha vida, tardiamente. Uma filha temporã. Foi ela que me fez ter coragem. Penso que Bachelard deve ter tido experiência semelhante. Se assim não fosse, como poderia ter afirmado que “a inquietação que temos pela criança sustenta uma coragem invencível”?

Foi a criança que me deu coragem para que eu deixasse que o inventor de estórias que em mim vivia calado pelo medo, falasse. “Estória”, não “histórias, contrariando assim dicionários e revisores. O mundo dos escritores não é o mundo dos gramáticos. Guimarães Rosa tinha o mesmo problema. Começa Tutaméia afirmando: “ A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História”. A “história” nos abre o mundo das coisas acontecidas no passado. Mas as “estórias”, nos levam para o mundo das coisas que nunca aconteceram e só existem na imaginação.

Disse que sou um “inventor” de estórias. Mas não é bem assim. As estórias não são inventadas pelo escritor da mesma forma como as músicas não são compostas pelo compositor. Estórias e músicas já existem em algum lugar místico. Escritores e compositores são seres que têm a graça de, repentinamente, se defrontarem com essas entidades, vindas não se sabe de onde, como se fossem emissárias de um outro mundo. Fernando Pessoa se espantava com isso e dizia que era como se um anjo que não conhecemos descesse à terra e com suas asas soprasse as brasas de lugares esquecidos... Uma coisa é certa: ao terminar a estória

vem o espanto de que a tenhamos escrito. E perguntamos: “Por que escrevi isto? Onde fui buscar isto? De onde me veio isto? Isto é melhor do que eu... Seremos nós neste mundo apenas canetas com tinta com que alguém escreve a valer o que nós aqui traçamos?”.

Aconteceu assim comigo, sem se anunciar, de repente, sem preparo, sem credenciais. As estórias começaram a aparecer porque havia uma menina que precisava delas. Sim, precisava delas...

De noite, quando eu terminava a estória, ela me perguntava: “Papai, esta estória aconteceu de verdade?” Ela não era boba. Pequena, já tinha um agudo senso de realidade. Pássaros encantados, gigantes verdes, dragões dourados, panteras que falam, flores que empinam pipas, sementinhas que têm medo, gansos que envelhecem ficando cada vez mais leves até que voam na direção das montanhas onde cresce o fruto mágico vermelho – não são seres desse mundo. Nunca existiram. Assim conclui-se obrigatoriamente que as estórias são feitas com mentiras. Mas mentira é uma palavra tão feia! Ela tem o poder de matar qualquer palavra. Acontecia, entretanto, que minha filha amava as estórias. Elas eram belas, ela ficava encantada ao ouvi-las. O seu coração exigia que fosse verdadeira. O amor deseja a eternidade da coisa amada. Acho que o Padre Antônio Vieira deveria ter acabado de ouvir uma estória bonita quando escreveu: “Se os olhos vêem com amor o que não é, tem de ser”. Minha filha filosofava sem saber. Perguntava-me sobre o estatuto ontológico da imaginação, lugar onde moram as estórias. E eu não podia dar a resposta. Era muito difícil para ela. A resposta seria: “Esta estória não aconteceu nunca para que aconteça sempre”. Romeu e Julieta, A Bela adormecida, Cinderela, Édipo, Amor nos tempos do cólera, A terceira margem do rio, O operário em construção: essas estórias não aconteceram nunca. Mas a despeito disso queremos lê-las de novo, e todas as vezes que as

re-lemos elas acontecem. A Palavra se faz carne... Prova disso são os tremores que percorrem nosso corpo, ora como riso, ora como choro. Se tivessem acontecido de fato elas seriam criaturas da história, tempo do “nunca mais”. “Never more, never more”, repetia o corvo de Poe. “Nunca mais” é o tempo dos mortos, das sepulturas, do sem volta. Mas as estórias são criaturas do tempo da imaginação, tempo do eterno retorno, das repetições, das ressurreições. Quando se conta de novo uma estória aquilo que nela aconteceu no passado imaginário se torna vivo no presente. Sim, já ouvimos a música muitas vezes. Sabemo-la de cor. Mas queremos ouvi-la de novo para sentir a sua beleza sempre presente, para rir e chorar. Assim é o tempo da imaginação. A alma é o lugar onde o amor guarda o que não aconteceu, sob a forma da imaginação, para que aconteça sempre.

Havíamos ido ao cinema ver o E.T. Minha filha, cinco anos, chorava convulsivamente ao voltar para a casa. Depois do lanche quis consolá-la das lágrimas que não paravam. “Vamos lá fora procurar a estrelinha do E.T.!” , sugeri. Ela me acompanhou. Mas o céu se cobrira de nuvens. Não havia nenhuma estrela visível. Fiquei sem saber o que dizer. Improvisei, então. Corri para trás de uma árvore e disse: “Venha! O E.T. está aqui!” Ela parou de chorar, olhou-me séria e disse com voz firme: “Papai, não seja bobo. O E.T. não existe”. Essa resposta realista e fria pegou-me desprevenido. Me defendi. Armei um xeque mate: “Não existe? Então, por que é que você estava chorando?” O seu choro não era uma evidência de que ela acreditava na existência do E.T.? Mas quem levou o xeque fui eu. Foi isso que ela me respondeu: “Eu estava chorando por isso mesmo, porque o E.T. não existe”.

Eu, tolo, misturara o que não podia ser misturado. Tirara o E.T. do mundo da fantasia onde vivia – uma estrela distante, provavelmente vizinha da estrela sorridente, morada do Pequeno Príncipe - e o matara ao trazê-lo para o mundo real. Ela sabia mais do que eu. Sabia que o E.T. só existia no mundo da fantasia.

Até a minha intervenção desastrada o E.T. era real. A estória estava acontecendo. Por isso ela chorava. A alma chora pelo que não existe. Mas o seu choro parou de repente quando tirei o E.T. de sua estrela distante e o coloquei atrás da árvore do meu jardim. Acho que Fernando Pessoa teve muitos choros parecidos com o choro de minha filha. E foi para explicar o sem razões dos seus choros que ele escreveu: “o que me dói não é o que há no coração, mas essas coisas lindas que nunca existirão...”

Ri muito ao re-ler, depois de muitos anos, o Cem anos de solidão. E sempre choro ao ler os poemas da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen. Por que rimos e choramos por aquilo que não existe, aquilo que é fantasia? A resposta é simples: choramos e rimos porque a alma é feita com o que não existe, coisa que só os artistas sabem. “Somos feitos da mesma matéria dos nossos sonhos”, afirmava Shakespeare. Com o que concorda Manoel de Barros, rude poeta do Pantanal: “Tem mais presença em mim o que me falta”. E Miguel de Unamuno:

“Recuerda, pues, o sueña tú, alma mía  
-la fantasía es tu sustancia eterna –  
lo que no fué;  
con tus figuraciones hazte fuerte,  
que eso es vivir, y lo demás es muerte.”

As estórias são flores que a imaginação faz crescer no lugar da dor. Minhas estórias cresceram das dores da minha filha, que eram minhas próprias dores. Por isso disse que comecei a escrever porque ela precisava delas, das estórias. Curar a dor, isso elas não podem fazer. Mas podem transfigurá-la. A imaginação é a artista que transforma o sofrimento em beleza. E a beleza torna a dor suportável. Por isso escrevo estórias: para realizar a alquimia de transformar dor em flor. Minhas estórias são as minhas poções mágicas... Não há contra-indicações e nem é preciso receitas...